

Públicos e Periferias

João Carrolo (*)

Uma análise breve sobre a evolução cultural e artística dos últimos 10 a 15 anos no Algarve deteta com facilidade um incremento notável do número de equipamentos culturais, estruturas de produção artística, número de profissionais dedicados à área cultural e oportunidades para a formação nas artes.

Há teatros, museus, centros culturais, galerias e festivais. Há estruturas profissionais e amadoras, coletivos de artistas e espaços de residência. Há programadores, formadores, técnicos e gestores. Há ensino superior, conservatórios e oficinas de formação. Estão-se a dar passos grandes e rápidos na construção duma estrutura formal geradora de arte dedicada a este território em específico. Edificada a estrutura é entretanto o tempo de realizar o trabalho moroso e de detalhe que se consubstancia na criação de conteúdos coerentes que dão sentido a este *aparatus*. No fundo, criar os fluxos estimulantes que conferem pertinência ao tecido estrutural e criativo entretanto criado.

Várias possíveis abordagens existem para dinamizar os fluxos a que me refiro. Hoje detenho-me em especial sobre o papel reservado ao público à luz do contexto geográfico algarvio. Da mesma forma que Portugal é periférico em relação às grandes linhas criadoras e difusoras do centro da Europa, também o Algarve é periférico em relação aos principais centros de cultura nacionais, nomeadamente Lisboa e Porto. O Algarve traz consigo uma dupla nota periférica no que às abordagens da criação e fruição das artes diz respeito. Parece-me então fundamental a adoção de estratégias específicas e diferenciadoras que contestem esta periferia. Uma das possíveis passa precisamente por trazer para o centro da equação o papel do público.

Concordamos com certeza que o público é parte por demais importante na atividade artística. Julgo que concordamos que o ato de olhar do espetador é uma prática que necessita de ser exercitada. Arrisco-me ainda a afirmar que desejamos espetadores emancipados, no entanto, argumentando contra Rancière e à luz da especificidade algarvia, é desejável que estes estabeleçam uma relação próxima e atuante com os processos de criação e de produção. Hoje questiono precisamente o grau de participação e partilha que nós os profissionais das artes e cultura solicitamos àqueles a quem dedicamos a nossa atividade: o público e o espaço geográfico onde desenvolvemos o nosso trabalho.

Retomando a ideia da necessidade de exercitar o olhar do espetador e atendendo à particularidade geográfica do Algarve, julgo pertinente que agentes e profissionais da cultura dediquem uma considerável parte dos seus esforços a colocar no centro de ação precisamente o público. Mais do que proporcionar o acesso às obras e criações parece-me importante desenhar projetos que envolvam as comunidades de forma ativa, convidando à participação dos intervenientes enquanto agentes atuantes no processo, proporcionando um contacto com as metodologias próprias dos processos criativos e as ferramentas para os compreender. Tratar-se-á em última análise de proporcionar o acesso a modalidades de expressão que possibilitem a cada indivíduo a oportunidade de criação dum discurso próprio através da experimentação, do questionamento e do exercício do olhar.

Esta é uma estratégia que creio necessária e potencialmente desencadeadora dum reordenamento das relações que unem agentes culturais e comunidade circundante. Um reordenamento que protagoniza um posicionamento mais atento por parte das estruturas de criação e apresentação em relação às pessoas e acontecimentos que estão em seu redor e aos quais não podem ser alheios. Eventualmente, um paradigma de criação e produção que paulatinamente criará as condições para a existência de uma massa de público que tem perante as manifestações culturais e artísticas uma posição assídua embora exigente e

seletiva, capaz de um olhar fresco, crítico e de interpretação referencial. Um modelo que no longo prazo competirá para a promoção da proximidade entre público, criadores e objeto artístico subtraindo distância nesta região que é o Algarve.

(*) Programador do Teatro das Figuras, Faro. Sócio da AGEAL